



Biblioteca Pública de Braga 1976/2009: Luzes e sombras*

Henrique Barreto Nunes

A Comissão Instaladora da Universidade do Minho, logo após a sua tomada de posse em 17 Fevereiro 1974, ocupou diversos gabinetes e salões do palácio que albergava, desde 1934, a Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga (BPADB), talvez o mais emblemáticos conjunto arquitectónico da cidade.

Foi na Sala dos Reservados da instituição, onde o Reitor Prof. Carlos Lloyd Braga tinha o seu gabinete que, a 6 Dezembro 1974, tomei posse como Técnico de 3.ª dos Serviços de Documentação da Universidade do Minho (S.D.), já que tinha terminado havia 2 meses o Curso de Bibliotecário-Arquivista da Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra, tendo-me sido destinado como posto de trabalho o salão do Arquivo Paroquial.

No meu primeiro ano de actividade, sob a estrita orientação do director daqueles serviços, realizei trabalho técnico, organizando as colecções de monografias e revistas que a U.M. ia adquirindo.

No final de 1975 a BPADB passou a integrar oficialmente a U.M., sendo as duas instituições organicamente separadas, ficando porém sob a tutela dos S.D. que englobavam naturalmente a Biblioteca Geral da universidade.

Então pude tomar contacto mais directo com a Biblioteca Pública, começando a tratar as suas colecções (em especial as obras entradas através do Depósito Legal), a conhecer o seu riquíssimo património, a aperceber-me das suas potencialidades, mas também das graves carências que eram bem evidentes.

Por vicissitudes que não vêm ao caso relatar, em Junho de 1977 pedi transferência para a recém-criada Unidade de Arqueologia, a cuja génese estava profundamente ligado, aí me mantendo até Setembro de 1978. Nessa altura, a convite do vice-reitor Prof. Barbosa Romero, regressei à BPB, que entretanto tinha conquistado a necessária autonomia, sendo dirigida por um Conselho de Gestão presidido pelo Dr. J. Santos Simões (membro da CIUM), que passei a integrar e do qual também fazia parte a minha colega M. Helena Laranjeiro e o Dr. Aníbal Alves.

Em Março de 1982, por despacho do Reitor Prof. Lúcio Craveiro da Silva, fui designado “responsável da BPB”, situação que se prolongou até 2000, altura em que na sequência de um concurso público mandado abrir pelo Reitor, Prof. Licínio Chainho Pereira, passei a Director de Serviços da instituição, categoria que mantive até à minha aposentação em Agosto de 2009.

A BPB, no momento da sua integração na U.M., debatia-se com graves problemas, obrigando logo de início a um forte investimento na conservação e renovação do edifício e instalação eléctrica, aquisição de mobiliário e equipamento, etc., etc.

Por outro lado o orçamento que lhe era atribuído anteriormente era baixíssimo, o quadro de pessoal diminuto e pouco qualificado, o mobiliário e equipamento deficientes, os espaços mal ocupados. Esta ausência de meios materiais e recursos humanos, de que o seu último director, dr. Egídio Guimarães, muito se queixava, refectia-se especialmente na arrumação e tratamento técnico das publicações entradas pelo Depósito Legal (livros, revistas, jornais, impressos

de vária ordem) provocando enormes atrasos em especial na catalogação e registo das espécies, embora a biblioteca gozasse de algum prestígio.

Os livros entrados através do Depósito Legal (D. L.) eram colocados nas estantes, na maior parte das vezes sem qualquer separação que respeitasse as diversas secções da biblioteca onde deveriam ser cotados. Exceptuando os jornais locais, os de expansão nacional e os desportivos, bem como as revistas de maior qualidade ou interesse, grande parte dos restantes periódicos eram “despejados” num dos compartimentos no fundo do Salão Medieval.

Organizar este caos, recuperar espaços e tratar o fundo bibliográfico foi a tarefa que primeiramente nos ocupou, ainda sem um quadro de pessoal suficiente. Para isso recorreu-se a estudantes do Serviço Cívico, a jovens do FAOJ, a desempregados inscritos no Centro de Emprego, a contratos provisórios (prática que se tornou habitual, explorando uma política de mão de obra barata que, a coberto da lei, sob diversas designações, era aproveitada por muitos serviços públicos, mas que se revelou de grande utilidade) tendo-se iniciado a tarefa a que chamamos a “batalha da catalogação”, tratando minimamente os livros (separação por assuntos, etiquetagem, catalogação provisória) e os periódicos (arrumação, registo, catalogação), sector este coordenado proficiente e dedicadamente pela Dra. Helena Laranjeiro. De qualquer modo, com este expediente, conseguimos colocar milhares de títulos à disposição dos leitores.

Quanto às monografias entradas através do Depósito Legal a partir de 1976, foi possível logo no ano seguinte, integrar o sistema de cooperação catalográfico que envolvia as principais bibliotecas dele beneficiário (Nacional, Porto e Coimbra), o que nos permitiu organizar catálogos de autores, títulos, assuntos e colecções em fichas de cartolina, como era a prática da época.

Esta preocupação com o tratamento e disponibilização dos livros justificava-se plenamente, pois a afluência à biblioteca de milhares de estudantes dos diversos graus de ensino, de professores e investigadores, de simples leitores de livros e jornais aumentou extraordinariamente e a belíssima sala de leitura que partilhava com o Arquivo Distrital começou a mostrar-se incapaz de responder à crescente procura.

Por essa razão, dado que a principal obrigação da instituição era servir os leitores, em 1983 a BPB conseguiu que o Salão Medieval se transformasse em sala de leitura (com 80 lugares), o que viria a causar alguns transtornos, pois regularmente a U.M. necessitava daquele espaço para as suas iniciativas e cerimónias e tal impedia o seu funcionamento normal. O catálogo geral da biblioteca ficou instalado na chamada Sala da Fonte, enquanto a sua primitiva sala foi transformada definitivamente numa Secção Infantil e Juvenil, aproveitando uma experiência anterior com relativo sucesso, proporcionando aos mais jovens não só a leitura como igualmente diversas actividades de animação.

Deve ainda referir-se que com a instalação dos serviços da U. M. no Largo do Paço, as colecções do Museu D. Diogo de Sousa, que ocupara até 1974 uma das alas do edifício, foram deslocadas para duas salas do corpo medieval pertencentes à BPB, nele permanecendo até 1983, tendo ainda ficado a biblioteca encarregada de conferir o inventário das peças e acompanhar a sua transferência para o seminário de Santa Margarida.

Entretanto, em 1982, declarei numa sessão de homenagem a Alberto Feio, o grande obreiro da BPADB, que “a biblioteca precisa de extravasar das paredes solenes da sua sala de leitura e dos seus depósitos e lançar-se abertamente em actividades de extensão cultural, que promovam o livro e a leitura”, de acordo com a concepção moderna de biblioteca pública que em Portugal começava a ganhar terreno.

Para além de algumas iniciativas esporádicas, tal tinha começado a concretizar-se com a comemoração em 1980 do 1.º centenário do nascimento do Dr. Manuel Monteiro (grande figura de republicano e historiador de arte, cuja biblioteca e parte do espólio tinham sido adquiridas pela BPB), através da realização de uma exposição no Museu Nogueira da Silva, conferências e edição de livros.

Nessa altura uma ameaça perturbadora começa a pairar sobre a BPB (e também sobre o ADB): a ocupação das instalações do Largo do Paço pela U.M. impedia a expansão física daqueles dois serviços e o seu natural crescimento (motivado pelas espécies entradas pelo Depósito Legal para a BPB e pelas incorporações documentais obrigatórias para o ADB) ficava asfixiado, bloqueado.

A partir de 1982 em relatórios, intervenções públicas, entrevistas à imprensa fomos alertando quanto à gravidade da situação: se os serviços centrais da U.M. não abandonassem o Largo do Paço, seria forçoso encontrar uma solução no exterior, sob pena de a BPB poder estagnar relativamente à actualização das suas colecções e consequente resposta às solicitações dos seus leitores, sempre em número crescente.

De qualquer modo, face às circunstâncias, fomos começando a ocupar novos compartimentos (por vezes pouco adequados), a “inventar” espaços para os depósitos: conseguem comprar-se estantes, conquista-se a torre medieval, os salões que se localizam no fundo do Salão Medieval destinados a depósito de jornais são equipados com estantaria metálica com dois pisos, aproveitando o seu pé direito; a parte central da Galeria Moura Teles é igualmente preenchida com estantes com mais de dois metros de altura, consegue-se instalar a Biblioteca Carrington num espaço digno, no qual também fica alojada biblioteca do dr. Manuel de Oliveira. Chega-se mesmo a enviar espécies menos consultadas ou duplicados para o edifício do Castelo e para a Rua D. Afonso Henriques, onde as condições de conservação se viriam a revelar péssimas.

Mas todo este processo, para nosso desespero, dura anos, é sempre preciso discutir, pressionar. alertar a Reitoria. Nesta circunstância foi de grande importância o papel desempenhado pelo Professor Lúcio Craveiro da Silva, presidente do Conselho Cultural, criado em 1986, que sempre foi solidário com as nossas prementes necessidades e defendeu a causa da BPB em inúmeras circunstâncias, perante os diferentes órgãos de governo da universidade. Deve dizer-se que o C.C., uma criação original da U.M., se revelou de extrema utilidade graças às qualidades humanas e à “magistratura de influência” exercida pelo Prof. Lúcio Craveiro, tendo sido um órgão eficaz, com um grande espírito de coesão e solidariedade entre as Unidades Culturais, um espaço de diálogo onde se discutiam e resolviam muitos dos problemas que enfrentávamos e se delineavam iniciativas conjuntas (espírito esse que infelizmente nos últimos anos em grande parte se foi perdendo).

Deve contudo realçar-se que todos estes trabalhos contaram com a enorme dedicação, empenhamento e profissionalismo das equipas de funcionários da BPB que a eles se devotaram.



A equipa da BPB em 2000:

- 1.ª fila – Carlos Mateus, João Gomes, M. Celeste Silva, Henrique B. Nunes, Conceição Carvalho, Domingos Martins, José A. Gomes e Alfredo Ferreira;
- 2.ª fila – M. José Alves, Eduardo P. Oliveira, António Gonçalves, Manuel Pereira, Felicidade Gonçalves, Fátima Tinoco, Isabel Faria, Fátima Ferreira e Helena Laranjeiro;
- 3.ª fila – Teresa B. da Cruz, Isabel Alves, Hermínia Fernandes e Celeste Magro.

Outro aspecto importante da vida da BPB diz respeito à sua informatização, um processo complexo e moroso, que foi de algum modo vítima da minha im-preparação nesse domínio e da dificuldade em entender os seus mecanismos.

Em 1987 a U.M. aderiu à PORBASE (Base Nacio^onal de Dados Bibliográficos) que a BPB deveria ter integrado plenamente. Por razões que me escapam, relacionadas com a política informática da U.M., essa adesão não se concretizou da forma adequada, e tal foi extremamente prejudicial para a biblioteca, que se foi atrasando na disponibilização dos seus catálogos em linha e na modernização, embora desde o início se tivesse apostado na formação dos seus técnicos.

A U.M. lançou mais tarde os projectos GIB e GEIRA e só a partir daí, quando prescindi de contratar um técnico superior de bibliotecas para o substituir por um informático, o processo começou a correr melhor, voltando a estagnar quando esse técnico saiu. Decorrente do processo de informatização, a BPB

criou um “sítio” que respondia às necessidades principais dos utilizadores (catálogos em linha) e cujos conteúdos começaram por ser enriquecidos com a apresentação de bibliografias bracarenses.

Uma das valências mais importantes do património bibliográfico e documental da BPB diz respeito aos espólios de grandes figuras da cultura local que já possuía, ou que ao longo dos últimos 30 anos foi obtendo. Era o caso dos de Manuel de Oliveira (Fundo Barca-Oliveira), Manuel Monteiro ou Carrington da Costa os quais, a propósito da comemoração de efemérides com eles relacionadas, foram tratados, divulgados, objecto de exposições, conferências e edições (a estes fundos deve acrescentar-se o dos caóticos restos da livraria do dr. Pereira Caldas, que em 100 anos nunca foi tratada).

Depois de 1976 deram entrada na BPB a biblioteca do Instituto Minhoto de Estudos Regionais (em cuja origem estavam antigos gabinetes de leitura de Braga, já catalogado), do historiador Professor Victor de Sá (bastante utilizado, mas ainda não convenientemente tratado, por minha responsabilidade, mas que esteve na origem do Prémio de História Contemporânea), do dr. Francisco Miranda de Andrade (cujos livros e correspondência já estão catalogados, mas ainda tem muito para revelar), do compositor e musicólogo Álvaro Carneiro (em tratamento), do médico Dr. Manuel Sá Mendes (por tratar) ou ainda a preciosa biblioteca proveniente da extinta Assembleia Distrital de Braga, que pertenceu ao bibliófilo bracarense José Gomes e que encerra muitas preciosidades (livro antigo, opúsculos, periódicos) que importa dar a conhecer.

Houve ainda a preocupação de reunir, na maior parte dos casos por doação, pequenas colecções relacionadas com o Fundo Local, como foi o caso dos cartazes da Semana Santa e das Festas de S. João, dos programas e pautas musicais do Teatro Circo e de um conjunto de plantas arquitectónicas de J. de Moura Coutinho, de fundos documentais da U.M., de alguns manuscritos e cartas doados pela neta do Dr. Alberto Feio, dos albuns fotográficos de Manuel Ribeiro ou das fotografias sobre a biblioteca da autoria de Ana Carneiro, tendo sido organizadas e estudadas as colecções dos Números Únicos do Primeiro de Dezembro, dos Testamentos da Gata e de registos de santos e estando minimamente referenciadas as de postais ilustrados e cartazes.

Outra preocupação que desde o início senti relacionou-se com o estado de

conservação do edifício, das suas condições ambientais e dificuldades de acondicionamento das espécies, o que se reflectia na necessidade urgente da conservação preventiva, preservação e restauro em especial do livro antigo e das colecções de jornais do séc. XIX, até 1930 (tendo-se colocado diversas vezes a possibilidade da sua microfilmagem ou, mais recentemente, digitalização, sem resultados positivos por falta de recursos).

Verificaram-se diversas tentativas para combater as pragas de bibliófagos que inúmeras vezes foram detectadas e que eram enfrentadas com grandes dificuldades – uma profunda limpeza dos depósitos seria um importante ponto de partida, mas tal nunca foi conseguido, o que levou à degradação de algumas espécies.

Com tal objectivo, em consonância com a malograda directora do Arquivo Distrital, dr.^a Assunção Vasconcelos tomaram-se várias medidas para o controlo das pragas, embora para o fazer fossem necessários conhecimentos especializados e avultados meios financeiros que não conseguimos obter. Devo porém reconhecer que nunca houve qualquer plano concreto para combater aquela preocupante situação, tendo-se apenas tomado algumas medidas pontuais.

Sobre o Livro Antigo deve salientar-se o facto de o seu tratamento técnico ter beneficiado do programa do Inventário do Património Cultural Móvel, de que fui coordenador para a Região Norte (Porto excluído).

A BPB, que foi a sua base de trabalho, acolheu quatro jovens técnicos e assim também foi possível catalogar os nossos incunábulos (conheciam-se 33 e foi viável identificar mais 20), a tipografia portuguesa do séc. XVI (mais de 200 títulos), a colecção de sermões (com 1200 títulos, num total de mais de 5000 exemplares identificados), iniciando-se a catalogação das restantes obras dos sécs. XVI / XVII.

Na secção de Publicações Periódicas, para além de outros trabalhos relevantes, identificou-se, registou-se, organizou-se e catalogou-se a colecção da Imprensa Periódica Bracarense, da qual também foi feito um catálogo cronológico, muito procurada pelos historiadores e investigadores locais.

Regressemos ao problema do espaço disponível: em cada ano que passava

na década de 80 mais se agravava a situação e os efectivos constrangimentos existentes tornavam-se evidentes também para os responsáveis da U.M. Chegou a aventar-se a hipótese de se construir, no jardim interior, um depósito subterrâneo com uma sala de leitura à superfície, um arquitecto conceituado foi convidado a apresentar um projecto que acompanhei, mas os custos e os problemas que a obra acarretaria, sendo sempre uma intervenção que só resolveria parcialmente a situação, acabaram por inviabilizar essa solução.

Entretanto eu tinha todo o privilégio de poder acompanhar, desde o início em 1983, o movimento que esteve na origem da criação da Rede Nacional de Leitura Pública (1986), hoje Rede de Bibliotecas Públicas.

Nesse âmbito, em 1988, foi lançado o “Projecto Bibliopolis”, destinado a apoiar técnica e financeiramente bibliotecas públicas em grandes centros urbanos, como era o caso de Braga, para cuja dramática situação desde o início eu vinha alertando a direcção do Instituto Português do Livro e da Leitura (IPLL), com quem mantinha relações privilegiadas.

Não existindo em Braga qualquer equipamento que garantisse os serviços de leitura pública conformes a nova concepção, missão a que a Câmara Municipal não poderia ser alheia, a U.M., detentora da BPB (que, como vimos, não possuía condições para garantir aquele serviço) e ciente das suas responsabilidades perante a comunidade, iniciou a árdua e complexa tarefa de convencer uma autarquia relutante em reconhecer a urgência de encontrar uma solução que preenchesse aquele vazio.

Tal acabou por se concretizar, primeiro em Novembro de 1990 através da assinatura de um “Acordo de Princípios” entre a U.M. (representada pelo vice-reitor Prof. Vítor Aguiar e Silva) e a CMB, através do qual ambas manifestavam “o seu interesse na integração no Projecto Bibliopolis e consequentemente na Rede Nacional de Leitura Pública”.

Este acordo acabou por se concretizar em 12 de Julho de 1991 (data em que a BPB iniciava festivamente a celebração do 150.º aniversário da sua criação) através da assinatura de um contrato programa estabelecido entre as duas partes referidas e a Secretaria de Estado da Cultura/IPLL, que visava “estabelecer as condições iniciais de aplicação do Projecto Bibliopolis ... considerando que tal

só será viável em articulação com a Biblioteca Pública de Braga”.

Através do mesmo documento, a U.M. propunha-se “realizar o estudo de ocupação do edifício do antigo Albergue Distrital, cedido pela SEC, com o objectivo de nele instalar uma biblioteca com características idênticas às da BM 3”, bem como “fazer o estudo do aproveitamento do logradouro do referido edifício para nele instalar depósitos, salas de leitura e outros serviços da Biblioteca Pública, essenciais à sua modernização e desenvolvimento”.

Alcançava-se assim um duplo objectivo: dotava-se Braga de uma biblioteca de leitura pública de acordo com os padrões e exigências mais recentes e resolvia-se o problema da falta de espaço da BPB, pois para o novo espaço, definido como um pólo da biblioteca, transitariam todos os livros entrados através do Depósito Legal desde 1976, que assim seriam postos à disposição de todos os seus leitores, consagrando o livre acesso às estantes e o empréstimo domiciliário, práticas até então impossíveis de concretizar no palácio barroco que a instituição ocupava.

No decorrer do ano seguinte, seleccionado um arquitecto (Mário Abreu), seria elaborado o programa referente àquele projecto.

Não vou aqui historiar o estranho e moroso processo que se seguiu, e que integrei em todas as instâncias quase até à sua conclusão, culminado apenas em 21 de Dezembro de 2004, data em que foi inaugurada a então justamente denominada Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, hoje em dia plenamente integrada na comunidade, cumprindo exemplarmente os fins e objectivos de uma biblioteca pública, de acordo com as directrizes da UNESCO e o programa da Secretaria de Estado da Cultura.

Contudo os anos anteriores à abertura da BLCS foram dolorosos para a BPB, que tinha como preocupação primeira servir os seus leitores e com esse objectivo abdicara durante a década de 90 do “primado” da técnica do tratamento bibliográfico (contrário à prática comum das bibliotecas com idênticas características), apostando na eficácia e pragmatismo, tendo em vista os interesses dos seus leitores. Para atingir esse objectivo foi criada uma base de dados acessível ao público na qual os livros entrados pelo Depósito Legal

se apresentavam catalogados abreviadamente – com entradas por autores, títulos e assuntos), assim permitindo que cerca de um mês após a sua chegada pudessem ser consultados (e na altura era a única biblioteca portuguesa a fazê-lo com tal brevidade). Porém essa disponibilidade acabou por ter um fim abrupto, pelas razões aduzidas no relatório de actividades de 2002 de que não resisto a transcrever parte:

A situação da BPB no final do ano de 2002, na sequência do que foi dito no relatório anterior, é absolutamente calamitosa, e as perspectivas para 2003, no momento actual, são extremamente sombrias.

Basta franquear as portas do magnífico palácio setecentista onde a Biblioteca está instalada para o potencial leitor deparar com um panorama inesperado e pouco abonatório para a instituição.

São dezenas e dezenas de caixas relativas às remessas do Depósito Legal qua aí se encontram colocadas, como se de um armazém se tratasse, o que somadas às outras dezenas que se espalham pela Secção Infantil, depósitos e corredores, dão um total de 150 caixas contendo as publicações saídas dos prelos portugueses entre Outubro de 2001 e Outubro de 2002.

Tal significa que cerca de 12 mil livros e 45000 mil exemplares de publicações periódicas (revistas, jornais, etc.) se encontram aí amontoados, sem possibilidades de tratamento e utilização, sem qualquer préstimo imediato. Entre eles contam-se publicações oficiais, estatísticas, normas, etc., que a BPB obrigatoriamente devia disponibilizar aos seus leitores e se encontram perdidas nestas caixas inacessíveis.

A agravar tal situação, os livros entrados na BPB a partir de Abril de 2002, que já foram carimbados, etiquetados, catalogados abreviadamente e indexados, encontram-se arrumados em caixas amontoadas no Depósito de Literatura, por já não existir qualquer possibilidade de serem colocados em estantes.

Daí resulta que 5000 mil livros, devidamente tratados, não podem ser utilizados por quem procura a biblioteca.

Desde Abril de 2002 que esta biblioteca, beneficiária do Depósito Legal, não apresenta títulos novos de monografias para consulta dos leitores e tal

já se reflectiu numa quebra de utilização no decorrer do ano que findou.

Esta situação resulta, como é evidente, do protelamento da abertura ao público do novo polo (Bibliopolis), que se deveria ter verificado em 2000, pois para tal apontava a calendarização prevista.

A indefinição quanto ao futuro deixa-nos ainda mais preocupados pois não se antevê de imediato qualquer solução que permita ultrapassar esta catastrófica e frustrante situação.

Frustração que se reflecte na magnífica equipa de profissionais que aqui trabalham, em todos quantos lutam por este serviço público essencial, mas em muitas situações infelizmente incapaz, não por sua responsabilidade, de dar resposta às situações e expectativas de quem o procura.

Uma das marcas mais relevantes do papel da BPB na comunidade foi a contínua e persistente realização de actividades de animação, acção ou extensão cultural, cuja importância e necessidade já atrás referi.

Importava promover o livro, criar hábitos de leitura, divulgar as colecções e o património existente, celebrar efemérides, apostar nos escritores e investigadores locais, desafiar novos autores, suscitar a criatividade no domínio da literatura e das artes, incentivar os mais jovens a frequentar e a saber usar a biblioteca – queríamos uma biblioteca comprometida com os leitores, com todos os cidadãos, que fosse um espaço de abertura e de livre debate de ideias (o que, pessoalmente, me causou alguns amargos de boca).

A partir de 1984 a BPB lançou-se decidida e persistentemente na organização de manifestações culturais com aquelas características que a transformaram quase de imediato numa biblioteca inovadora e de referência para muitas outras. Contando com a presença de Marisa Ondina Braga deu-se então início à série “Um Escritor Apresenta-se”, com mais de 30 sessões realizadas sempre acompanhadas com exposições bibliográficas e cadernos de documentação, em que participaram alguns dos nomes maiores das nossas letras: Agustina, Lídia Jorge, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, Manuel Alegre, José Manuel Mendes, Viale Moutinho, Eduarda Dionísio, Francisco José Viegas, Almeida Faria, bem como José Saramago, Vasco Graça Moura, Augusto Abelaira e Fernando Assis Pacheco, ou ainda Luandino Vieira e Manuel Rui ou o galego

Manuel Maria entre muitos outros. Outras iniciativas que se prolongariam no tempo se seguiram, como “Um Jornalista Apresenta-se”, “Escritores Minhotos”, “Os meus livros inesquecíveis”.

Os autores mais vocacionados para a literatura para crianças e jovens (Alice Vieira, Ana Maria Magalhães, Vergílio Alberto Vieira, Manuela Bacelar, Arlindo Fagundes e muitos mais) não foram esquecidos e animaram a respectiva secção.

Realizaram-se inúmeros lançamentos e apresentações de novos livros, revistas e jornais (o “Público”, p. ex.), que trouxeram à biblioteca nomes de referência da literatura e cultura portuguesa, galega, brasileira e de países lusófonos, ocupando sempre um lugar privilegiado os autores e as edições da U.M.

Conferências, colóquios e debates sobre temas culturais, locais (com predomínio para a arqueologia) ou da actualidade (p. ex, foi a BPB quem primeiro promoveu a apresentação pública da Arte do Coa, com a participação de António Martinho Baptista) trouxeram aos seus espaços grandes nomes da intelectualidade portuguesa, de que destaque entre os que já nos deixaram, Lúcio Craveiro da Silva e Victor de Sá, Eduardo Prado Coelho e Paulo Varela Gomes.

A poesia, a música e o teatro também mereceram a nossa atenção, com recitais (e é de sublinhar a gratificante e estreita relação com José Manuel Mendes e António Fonseca, a envolvente e desafiadora cumplicidade do Sindicato de Poesia), concertos (o último de António Macedo, José Mário Branco) e peças com grupos bracarenses (TUM ou Escola Sec. Alberto Sampaio).

A celebração de efemérides de significado literário, histórico ou cultural também marcou a agenda da BPB, que organizou inúmeras exposições bibliográficas e documentais, mas também de fotografia, pintura ou mesmo de lenços de namorados, que serviram para dar a conhecer a riqueza e diversidade das suas colecções: 150.º aniversário da Biblioteca Pública, V Centenário do 1.º Livro Impresso em Braga (que permitiu trazer a Braga um exemplar do *Missal Bracarense* aqui impresso por J. Gherlinc em 1494), Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, O Barroco em Braga, Maria da Fonte, *Bracara Augusta*, Incunábulo da BPB, Tradições Académicas de Braga, Livros Proibidos no Regime Fascista, Um Crime na Biblioteca (lit. poli-

cial), Tintin, Padre António Vieira, Damião de Góis, Livros de Physica, Bíblias Antigas, Testemunhos de Guerra [colonial], Alberto Sampaio, Maria Ondina Braga, José Manuel Mendes, Victor de Sá, Lúcio Craveiro da Silva, Miguel Torga, Invasões Francesas (em colaboração com o ADB e a Casa Museu de Monção) e muitas outras. Relativamente às publicações periódicas devem destacar-se as dedicadas às Revistas de Música, Revistas Jurídicas, Emancipação Feminina, Números Únicos do 1.º Dezembro, Jornais Escolares, Futebol, Agendas Culturais, por vezes acompanhadas de catálogos.

Assinalou-se em diversas ocasiões o Dia Mundial do Livro (Maratona das Bibliotecas), o Dia Internacional do Livro Infantil, o Dia das Letras Galegas, o 25 de Abril, tendo ainda colaborado com as Jornadas do Conto do ILCH.

Muitas destas actividades contaram com o apoio do IPLL/IBL/IPLB, Direcção Regional de Cultura do Norte, Xunta de Galicia, ASPA, escolas e institutos da UM, Biblioteca Pública Municipal do Porto e naturalmente do Conselho Cultural e as restantes unidades culturais da UM (com destaque para o Museu Nogueira da Silva, onde se realizaram muitas iniciativas, e do CEL).

Do mesmo modo a BPB deu apoio a muitas bibliotecas (municipais, escolares) e instituições culturais de Braga e da região, possibilitando p.ex. a iniciativa de exposições permitindo por exemplo a itinerância, chegando a realizar acções de formação e possibilitando estágios profissionais, colaborando num inquérito aos hábitos de leitura dos estudantes portugueses e numa oficina de escrita.

A BPB, com a colaboração dos SDUM promoveu a realização em Braga do 4.º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, que se transformou numa manifestação de defesa da Rede de Leitura Pública (1992).

Na revista “Forum” do Conselho Cultural, que coordenei, dá-se notícia da quase totalidade destas realizações, publicando-se aí igualmente catálogos e bibliografias bem como artigos e trabalhos de investigação resultantes desta permanente inquietação cultural que a BPB protagonizou.

Infelizmente, por falta de recursos, a sua actividade editorial foi residual, tendo-se contudo publicado obras de e sobre Alberto Feio, João Penha, Victor de

Sá e Manuel Monteiro, o catálogo dos incunábulos e ainda o livro “Bibliotecas: memórias e mais dizeres”, bem como muitas separatas de artigos da revista “Forum”.

Um despacho do Reitor da U.M. datado de 14 de Setembro de 2006 nomeou-me director do Arquivo Distrital de Braga, na sequência do triste e inesperado falecimento da sua directora Dra. Maria da Assunção Vasconcelos.

Custou-me aceitar essa nomeação, pois não me sentia tecnicamente preparado para o desempenho de tais funções. Todavia, dadas as circunstâncias, a insistência da Reitoria (foi-me garantido que a situação seria provisória) e o pedido expresso do Prof. Lúcio Craveiro, acabei por aceder.

Desse período difícil recorro com alguma satisfação a doação do Arquivo da Casa do Avelar, com a publicação do respectivo catálogo, a edição do livro “O Arquivo e a Cidade”, de A. Vasconcelos e a conclusão do trabalho “Recenseamento dos arquivos locais: Câmaras Municipais e Misericórdias, distrito de Braga” (editado pelo IANTT) e o início do processo de incorporação do arquivo da Assembleia Distrital de Braga, e com tristeza as goradas tentativas de incorporação de livros de registos paroquiais que se mantinham (e mantêm) indevidamente nas mãos de párocos pouco informados ou da conclusão e disponibilização aos investigadores do catálogo do Arquivo do Conde da Barca.

Ficará para outras circunstâncias o relato dessa experiência e o efeito que sobre mim exerceu, o que me levou a pedir antecipadamente a aposentação, com a natural penalização, em Dezembro de 2008, quando vi que se protelava a decisão de nomeação de um novo director para o ADB e não eram resolvidos alguns problemas prementes com que o arquivo se debatia.

Durante esses últimos anos a BPB, assumindo-se naturalmente como biblioteca patrimonial e de conservação (mas sempre aberta a todo o público e dando continuidade à sua acção cultural), continuou a funcionar com normalidade (a sala de leitura tinha sido de novo transferida, agora para as actuais instalações e equipou-se o 3.º depósito de jornais com estantaria adequada), apesar do agravamento de algumas situações de que ia dando conta à tutela, como sejam o estado de conservação do edifício, o agravamento das condições ambientais (bio-sanitárias), que punha em risco a preservação das colecções mais anti-

gas e a necessidade de substituição do deficiente e antiquado equipamento informático que possuía.

Num memorando que apresentei em Dezembro de 2007 terminava deste modo:

A garantia de um futuro para o passado desta velha mas importante biblioteca passará talvez pela transferência do Arquivo Distrital para novas instalações e pelo restauro e adaptação das actuais para os desafios que hoje se colocam a estas instituições da memória, que têm como missão a conservação, o tratamento condigno e acessibilidade (com o recurso às novas tecnologias da informação e da comunicação) do valioso e em muitos casos insubstituível património bibliográfico e documental de que são orgulhosas guardiãs.

Felizmente no período em que estive à frente do Arquivo, com o empenhamento da Reitoria e do CC (professores A. G. Rodrigues, A. Rocha e J. V. Capela), foram dados passos decisivos para a adaptação do edifício da Abade da Loureira àquelas funções, aguardando-se para breve a sua inauguração.

No dia 31 Julho 2009, quando que dei por finda a minha militância na biblioteca, escrevi uma mensagem de despedida que terminava assim: *sinto uma imensa tristeza por deixar a BPB, os meus amigos-companheiros de trabalho, os livros, os seus leitores, a acção cultural que faz parte da minha respiração, da minha vida. Ainda tinha tanto que fazer!*

E foi assim que nunca consegui apreciar, um por um, os cerca de 300 mil livros que a biblioteca possuía quando nela comecei a trabalhar, sonho que acalentei desde o início mas pude tratar os mais de 150.000 que lá entraram a partir de 1976, o que muito contribuiu para o meu conhecimento da edição portuguesa.

Acredito que consolidando harmoniosamente os propósitos dos seus fundadores e principais continuadores com os desafios e potencialidades tecnológicas dos tempos actuais, conservando e desenvolvendo a integridade das suas colecções, respeitando o espírito do palácio recuperado onde está instalada, a Biblioteca Pública de Braga poderá construir um futuro carregado de passado.

Nota

* O convite que recebi da sr.^a Presidente do Conselho Cultural pedia-me a redacção de um texto em que, a propósito da celebração do 30.º aniversário da criação do C.C., reflectisse “sobre os grandes momentos, contributos e avanços que pôde ver desenvolvidos... à frente do destino” da BPB e também do ADB e “genericamente sobre o CC”.

O testemunho que aqui apresento não pode fugir na maioria dos casos a um registo pessoal, mas tudo o que foi feito ficou a dever-se à dedicação, competência e profissionalismo de todos aqueles com quem trabalhei e cujos nomes aqui recordo, por ordem alfabética (com asterisco são assinalados aqueles que transitaram da BPADB): Alberto A. Machado*, Alfredo A. Ferreira*, Alice R. Brito*, António L. Gonçalves, Augusta Esperança Peixoto, Carlos F. Mateus, Domingos G. Sá*, Domingos S. Martins, Eduardo Pires Oliveira, Elísio M. Araújo, Hermínia O. Fernandes, Isabel C. Alves, Isabel J. Faria, João Araújo*, João M. Gomes, José Alberto Gomes, José Carlos Cunha, Manuel F. Rodrigues*, Manuel J. Alves, Manuel Pereira, M. Celeste P. Silva, M. Celeste Magro, M. Conceição Azevedo, M. Conceição V. Carvalho, M. Fátima Ferreira, M. Fátima Tinoco, M. Felicidade P. Gonçalves, M. Helena Laranjeiro Cunha, M. Isabel S. Antunes, M. Manuela Leitão* e M. Teresa Braga da Cruz. Uma palavra de gratidão merecem-me o dr. Egidio Guimarães e Afonso C. Ferreira por me terem ajudado a melhor conhecer a biblioteca. Em relação à UM o meu reconhecimento, acima de todos, ao Prof. Lúcio Craveiro da Silva (Reitoria e Conselho Cultural), mas também ao Prof. Barbosa Romero e dr J. Santos Simões (CIUM), aos Profs L. Chainho Pereira, Vítor Aguiar e Silva (Reitoria) e José V. Capela (CC e CMM). Pela colaboração, Assunção Vasconcelos (ADB) Francisco Botelho (MNS), Francisco Sande Lemos (UAUM), Norberto Cunha e Manuel Gama (CEL), Hélio Alves (PVSHC), M. Luísa Alvim (IPCM), Helena Gil (DRCN), escritores José Manuel Mendes e Vergílio Alberto Vieira, Sindicato de Poesia e, na SIJ, António Castanheira, Ivone Soares e José Machado. E ainda a dra Maria José Moura (IPLL/IPLB).

Bibliografia

FERREIRA, Fátima Moura (coord) – *História da Universidade do Minho 1973 1974 2014*. Braga: Fund. Carlos Lloyd Braga, 2014.

NUNES, Henrique Barreto – *Da biblioteca ao leitor*. Braga: Autores de Braga, 1996

FORUM [Revista do Conselho Cultural da Universidade do Minho]. Braga, 1-44/45, 1987-2009/2010.

